

DIDÁTICA DA PARTILHA DE SABERES COM JOVENS: UM ESTUDO A PARTIR DOS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ESTUDANTES ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS DE SEUS PROFESSORES

DA SILVA, Analise de Jesus¹ – UFMG – esilana@gmail.com

GT: Didática / n.04

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Introdução

Apresentamos aqui síntese da pesquisa sobre os significados atribuídos por jovens estudantes pobres às práticas denominadas inovadoras por seus professores, realizada em Belo Horizonte, entre 2003 e 2007, com 44 estudantes entre os 14 e os 24 anos de idade e 4 professores de quatro escolas públicas municipais, do turno noturno. Os dados foram colhidos no preenchimento de questionário, em entrevista coletiva e individual, em observação de aula e em análise documental. Foi utilizada abordagem qualitativa de pesquisa, o que não implicou abandono total da perspectiva quantitativa. Optamos pela ênfase na abordagem qualitativa, por entender que esta escolha é a que melhor se adequa à natureza da questão estudada. Reiteramos GATTI(2006), quando avalia que

... metodologias cuidadosas, trazem subsídios concretos para a compreensão de fenômenos educacionais indo além dos casuísmos e contribuindo para a produção/enfrentamento de políticas educacionais, para planejamento, administração/gestão da educação, podendo ainda orientar ações pedagógicas de cunho mais geral ou específico. Permitem ainda desmistificar representações, preconceitos, “achômetros”, sobre fenômenos educacionais, construídos apenas a partir do senso comum do cotidiano, do marketing ou dos slogans. (p. 31)

A pesquisa de campo norteou-se pela intenção de contribuir na construção de um “olhar” acadêmico e social sobre a juventude estudante pobre marcado pela positividade, que ofereça elementos teóricos e fundamente a ação dos educadores, visando à superação de uma visão estigmatizada e preconceituosa a respeito dessa juventude e da escola. Busca também contribuir para situar a importância da Didática na formação dos professores como uma alternativa à compreensão dos reflexos de abordagens educacionais que pautam os posicionamentos de jovens estudantes, de professores e de gestores quando esses apontam conceitos de educação, de aula, de estudante, de professor e da possibilidade de partilha de

¹ Trabalho de tese de doutoramento concluído no PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO: Conhecimento e Inclusão Social em Educação.

saberes entre estes sujeitos, pois traz elementos para compreender as razões de situações enfrentadas no cotidiano escolar e indica pistas apontadas nas falas dos jovens entrevistados como alternativas de superação desses problemas.

A questão central trabalhada na pesquisa foi os significados atribuídos por jovens estudantes pobres às práticas denominadas inovadoras por seus professores e surgiu do contato sistemático com professores da rede pública que, de maneira recorrente, diziam que os estudantes se queixavam das aulas inovadoras². Segundo eles, a reação dos estudantes com os quais trabalhavam os surpreendia e os levava a uma total incompreensão desse fenômeno. De acordo com seus depoimentos, diante de suas propostas de práticas pedagógicas inovadoras, os estudantes diziam que: “Isso não é aula!”, “Se eu soubesse que hoje era isso eu não vinha na escola!”, “O professor está enrolando!”, “Pra ouvir música eu ficava na minha casa!”, entre outras manifestações de insatisfação.

A repetição dessa fala pelos professores entrevistados no Mestrado³ aponta o questionamento sobre as razões que fazem com que, mesmo experiências que anunciam algo de inovador, tentativas de aproximação entre a vivência escolar e a vivência cotidiana do jovem estudante pobre, ainda encontrem mais resistência do que adesão. Essa constatação ampliou a importância e a justificativa da pesquisa desse tema no doutorado. Começamos a interrogar as razões desse comportamento pelos estudantes: Com que concepção de escola e de aula trabalham para focalizar o trabalho com pintura, com dança, com teatro, com as letras de música de seu estilo preferido? Enfim, por que o trato de questões vivenciadas por eles no cotidiano era chamado de “não aula”? Que vivências anteriores faziam com que eles classificassem assim essa prática de seus professores?

Fomos, então, buscar a visão do jovem estudante sobre essa questão e o fizemos na escola que é o lugar onde ocorre a partilha de saberes e sabores, por vezes, amargos entre estudantes e professores. Estudamos os significados das práticas pedagógicas inovadoras pela lente dos jovens estudantes e o fizemos ouvindo-os.

2 Essa expressão sempre veio acompanhada ou explicando exemplos que envolviam música, dança, jogos, grafiteagem, teatro.

³ No Mestrado pesquisamos a existência da abordagem de questões relativas aos adolescentes na formação de professores em algumas licenciaturas na UFMG.

Na impossibilidade de retratar detalhadamente, aqui, uma pesquisa que levou à produção de um trabalho escrito com mais de 400 páginas, apresentamos a seguir os fundamentos do estudo em concomitância com seus principais resultados e buscamos fazê-lo no diálogo entre a bibliografia, os depoimentos de estudantes e de seus professores e as reflexões construídas por nós no recorte da Didática da educação com jovens.

Este texto está estruturado em seis itens e neles objetivamos colaborar na positivação do olhar sobre jovens e escolas, conceituar minimamente práticas pedagógicas inovadoras, apontar elementos da relação entre escolas e jovens e demonstrar que os significados revelados pela pesquisa são a ponta do iceberg que evidencia a necessidade de uma didática da partilha de saberes com jovens.

Alterar o olhar sobre o jovem e sobre a escola

Observa-se, ao situar historicamente a escola, que ainda convivemos simultaneamente com a herança da cópia, da memorização, da citação do que pensaram e disseram outros, e também com práticas transgressoras pautadas na democracia, no diálogo, na construção de conhecimentos ao longo da vida humana e no compartilhamento dessa produção pelos sujeitos que convivem neste lugar.

Lesoto⁴, um dos estudantes entrevistados, expressou, de maneira bastante contundente, o que outros também disseram ao registrar que percebem o olhar de negatividade que lhes é endereçado pelo nosso modelo social: “Eu sou um jovem. Eu não sou perigoso. Perigosa é a vida que o sistema me obriga a viver. E olha que ele já estava aqui quando eu nasci”.

Quando jovens, docentes, gestores escolares, gestores governamentais, Organizações Não-Governamentais, pesquisadores e teóricos manifestam sua preocupação pela mudança de estratégias anteriores para as inovadoras, estão buscando o enfrentamento e a solução pedagógica e profissional do olhar negativo que envolve nossos jovens e nossas escolas. Observa-se a necessidade de avançar-se na construção de um imaginário social, pedagógico, escolar e docente que pense

⁴ Numa tentativa de reconhecer a identidade racial dos jovens estudantes (95%) e dos professores que com eles constroem a partilha de saberes, utilizamos em nosso trabalho nomes de países africanos lembrando suas origens, sua história e suas culturas, na busca do reconhecimento de sua identidade racial e para preservar sua identidade pessoal.

positivamente a juventude e, sobretudo, a juventude pobre, juventude essa que demanda ser vista como sujeito de direitos que é.

Nota-se que as análises sociais, jornalísticas ou acadêmicas têm privilegiado a juventude pobre como objeto de estudo de delinquência ou violência urbana, ocupando lugar de destaque nas estatísticas que apontam vitimados e agressores; nos estudos sobre o mercado de trabalho informal, principalmente naqueles ilegais ou nos estudos sobre evasão, fracasso escolar ou consumo de drogas. Dependendo da forma como pesquisamos, como analisamos os dados e como intervimos a partir desses dados, nossas pesquisas contribuem para afetar, positiva ou negativamente, a imagem social que se tem dessa juventude pobre, negra, excluída de vários espaços, reprovada.

Neste texto, nos apropriamos da definição de Didática elaborada por MARTINS (1998:16) como sendo as iniciativas tomadas por professores “para fazer frente às contradições próprias da organização da escola capitalista”. Ao discutir a prática pedagógica vivida pelos professores no interior da instituição escolar, observando suas iniciativas, seus avanços e seus recuos, MARTINS (1989) denomina esse processo como Didática Prática e investiga como ele se dá, o que ele expressa, como ele contribui com o campo da Didática. Para Martins, a Didática que encontramos na literatura da área manifesta uma prática que é decorrente do sistema capitalista num dado momento histórico e, por isso,

As formas como as classes sociais se relacionam vão se materializar em técnicas, processos, tecnologias, inclusive os processos pedagógicos que se realizam através de uma dada relação pedagógica. Assim, a reconstrução do conhecimento da área não se faz por meio de reflexões exclusivamente teóricas, mas emerge das contradições presentes na prática de nossas escolas, expressando a prática de seus agentes ao vivenciarem essas contradições. (p. 177)

É nesse contexto que avaliamos a importância de pesquisas como a que aqui relatamos que objetivam o estudo da juventude pobre e seu processo de formação/deformação como sujeitos, a relação desses jovens com a escola e o apontamento da importância da Didática no trato dessa questão. Não se trata de imaginar que a Didática por si só seja a resposta para uma questão social e educacional tão grave, mas de apontar as possibilidades de contribuição desse campo para a construção de outras relações possíveis.

Prática Pedagógica inovadora: em busca de conceituação

Os termos que ouvimos dos professores foram aula inovadora e prática pedagógica inovadora, já nos depoimentos dos 44 estudantes com os quais dialogamos, esses dois foram constantemente substituídos pelo termo “aula diferente”.

Apontamos como referencial teórico a contribuição de Carbonell (2002), para quem a definição de inovação é um conjunto intencional e sistematizado de intervenções, decisões e processos que se propõem modificar atitudes, idéias, culturas, conteúdos e práticas educativas é uma definição bastante aceita. Entretanto, o mesmo autor alerta para o fato de ser esta, também, uma definição ampla e que, conseqüentemente, por se prestar a diversas interpretações, está longe da neutralidade. Para esse autor, a inovação decorre de uma prática que objetiva interferir na formação dos estudantes, permitindo-lhes a compreensão da realidade e seu posicionamento em sua integralidade. É, portanto, uma prática que sai do acessório e da aparência.

Esse sociólogo entende que “a mudança gerada pelas diversas inovações, de maneira geral, é difícil e dolorosamente lenta” (CARBONELL, 2002:25). Para ele, uma prática pedagógica inovadora não se ocupa do produto tanto quanto do processo. E, assim como Apple e Beane (2001), ele também enfatiza a necessidade do envolvimento dos jovens no planejamento do currículo e de outras atividades como práticas diferenciadas, avaliando que esse envolvimento constituiu um motivador na garantia da permanência, com sucesso, desses jovens na escola. O depoimento da estudante Ruanda nos revela uma situação na qual a escola instrumentaliza a expressão cultural juvenil para alcançar seus objetivos escolares e não a incorpora.

Não sei quem falou pras professoras daqui que a gente gosta – todo mundo – de Hip Hop. Agora, tudo que acontece, a gente tem que dançar Hip Hop. (rsrsrs de todos) Não sei... Alguém aqui gosta de Hip Hop? Tá, você gosta, mas você dança? Aí, tá vendo... não dança. Mas agora, toda mão a gente tem que dançar Hip Hop.

Diante disso, antes de buscar o significado atribuído pelos estudantes entrevistados às práticas pedagógicas desenvolvidas por seus professores e às quais estes profissionais atribuem o caráter de inovação, foi necessário definir com que concepção de inovação esses jovens e seus professores trabalham.

Durante nossos encontros com os jovens, ouvimos deles que “diferente é uma aula onde me dá vontade de escutar e de falar também!”; “pra mim a aula vai ser diferente se eu aprender alguma coisa”; “se o professor quiser saber o que eu gosto sobre a matéria”; e, ainda, “se o professor perguntar o quê que eu já sei daquilo que ele vai falar”; ou “se tiver alguma coisa que ver com a minha vida, vai ser uma aula diferente”. Destacamos ainda: “se o professor estiver preocupado pelo menos um pouquinho em me ensinar alguma coisa, é uma aula diferente, porque eles não estão nem aí!”

Como num dueto, os professores com os quais conversamos disseram-nos que aula diferente “é quando o aluno reconhece o esforço do professor”; “a aula é diferente se eles se dispuserem minimamente a entender o que a gente está feito doido tentando explicar”; e, ainda, “quando eles conseguem entender a relação que existe entre o conteúdo que eu estou dando e a vida deles”. Destacamos: “a aula é diferente de verdade se o aluno se interessar pelo menos um pouquinho por aprender alguma coisa, porque geralmente o desinteresse é total!”

Dessa forma, ao investigar as “práticas pedagógicas inovadoras”, entendemos que todas são ações propositivas e intencionais existentes no espaço escolar. Entretanto, o objetivo a que se prestam e a concepção que as embasa podem constituir diferenciais definidores de seu resultado no processo educativo dos jovens. Conforme nos diz VEIGA (2003:274)

É fácil compreender que a intencionalidade permeia todo o processo inovador e, conseqüentemente, o processo de construção, execução e avaliação do projeto político-pedagógico. Os processos inovadores lutam contra as formas instituídas e os mecanismos de poder. É um processo de dentro para fora. Essa visão reforça as definições emergentes e alternativas da realidade. Assim, ela deslegitima as formas institucionais, a fim de propiciar a argumentação, a comunicação e a solidariedade.

Nessa perspectiva, a leitura que nos foi possível fazer de suas falas é a de que para os jovens estudantes, “aula diferente” é a prática pensada como mediadora de recuperação da auto-estima, restabelecedora da confiança, do diálogo e do comprometimento dos diferentes sujeitos com o projeto político-pedagógico. Como nos diz a professora Naníbia:

Eu acho que é isso, a gente tem que acreditar neles, sabe? Fazer as coisas para eles, para o jovem crescer, para ele ser melhor mesmo, para ele ter uma, uma condição de escolhas pessoais bacanas. Mas acreditando nisso, não fazendo só assim por fazer,

não é? O aluno percebe isso, ele percebe quando a gente acredita nele e quando a gente está só falando que acredita, não é?!

Inovadoras são as experiências que podem agir diretamente na relação educativa. Segundo GIOVANETTI (2003:01), relação educativa é aquela que uma vez estabelecida entre educador e educando "implica no aprendizado de um 'conteúdo' e que se concretiza em um encontro que, por sua vez, pressupõe uma escuta e uma fala, ou seja, um diálogo". Dessa forma uma Didática que se pautar por uma relação educativa, específica para o trabalho com a juventude poderá propiciar aos jovens pobres "um processo de superação das ressonâncias da condição de exclusão social" (GIOVANETTI, 2003:16), diminuindo, significativamente, o abandono, a indiferença e o insucesso escolar. A fala da estudante Burkina Fasso expressa isso quando nos diz que

Um sonho que eu tenho meu é ser professora. Quero ser professora de português e vou ensinar o povo todo daqui da favela a ler e a escrever. E vou ser brava. Eu não acho ruim de professor ser bravo, não. Eu acho ruim de professor fazer pouco caso da gente, de ficar humilhando e de fingir que a gente nem existe. De professor bravo eu gosto. Às vezes, eu não escuto ele também, mas se ele é bravo eu sei que ele liga prá mim. E eu vou ser professora que sabe dar aula pra mais velho e pra jovem também.

Assim, são ações que buscam estabelecer vínculos e relações de pertencimento da juventude com a escola, transformando a instituição em um ambiente prazeroso e comprometedor para o jovem, estruturando as relações e os contratos de convivência no espaço escolar. É a prática que entende e acredita que todos os jovens podem aprender, que todos eles sabem alguma coisa, e que cada sujeito é responsável pela sua construção do conhecimento e pela ressignificação dada a esse conhecimento, pois, em síntese, lembrando Paulo Freire (1995), os jovens só aprendem quando têm um projeto de vida onde o conhecimento é significativo para eles. Mas

é o sujeito quem aprende através de sua própria ação transformadora sobre o mundo. [...] O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado (FREIRE, 1995:188).

Dialogando com os depoimentos de estudantes e de professores, buscamos VEIGA (2003: 273) que, partindo do princípio de que "a inovação emancipatória ou

edificante não pode ser confundida com evolução, reforma, invenção ou mudança” e “considerando a inovação uma produção humana”, compreende que “suas bases epistemológicas estão alicerçadas no caráter emancipador e argumentativo da ciência emergente”. Para Veiga, “a inovação procura maior comunicação e diálogo com os saberes locais e com os diferentes atores e realiza-se em um contexto que é histórico e social, porque humano”. Enfatizando a necessidade de se buscar a superação da visão fragmentada sobre as ciências, VEIGA (2003:274) nos lembra que são inúmeras as implicações da oposição da ciência emergente “às clássicas dicotomias entre ciências naturais/ciências sociais, teoria/prática, sujeito/objeto, conhecimento/realidade”, para a vida do homem e da sociedade.

A pesquisa nos revelou que na aula diferente os sujeitos envolvidos são considerados portadores de culturas diversas, diferentes e, por vezes, divergentes; que apresentam conflitos de valores que, por vezes, fomentam confrontos; que constroem diferentes significados sobre a realidade. Nessa perspectiva, avaliamos que o conteúdo de uma inovação pedagógica não tem um sentido único nem consensual muito menos definitivo. Ao contrário, as mudanças propostas estão sempre sujeitas a interpretações variadas por parte dos sujeitos envolvidos, em função de sua história pessoal e profissional, de sua visão de mundo, de seus pertencimentos grupais, de seus valores e crenças, de suas vivências coletivas e isso caracteriza um processo complexo de interações, positivas ou não, entre diferentes perspectivas sociais.

Escolas, Jovens e Significados

Durante a pesquisa procurávamos elementos para analisar e compreender melhor o processo educativo escolar. Assim, uma questão se mostrou relevante para a interpretação da realidade educacional escolar dentro da qual pesquisamos os significados que os jovens estudantes pobres atribuem às práticas denominadas por seus professores como inovadoras: a necessidade de situar a Didática e algumas das concepções educacionais que norteiam a prática e a vivência de professores e estudantes.

Nessa perspectiva, tornou-se necessário explicitar as diversas tendências pedagógicas que cohabitam os estabelecimentos de ensino, isto é, as diversas escolas e a diversidade de olhares que refletem. Aqui, apenas anunciamos essa necessidade, dentro daquilo que a extensão deste texto nos permite, apontando

considerações sobre o que ouvimos dos jovens estudantes para responder à questão central e a proximidade destas falas com os princípios de algumas das muitas abordagens educacionais presentes na realidade escolar atual.

Trabalhamos nessa pesquisa com o conceito de significado atribuído como sendo aquilo que pode mobilizar o sujeito que lhe confere valor. O que move o jovem estudante pobre quando o professor propõe uma aula diferente? E isso vai significar o quê? Isso vai mobilizá-lo em que direção? A que se deve sua adesão ou sua rejeição?

Não encontramos um, mas vários significados atribuídos, isto é, vários mobilizadores dos sujeitos jovens em relação à vivência das práticas pedagógicas inovadoras propostas por seus professores. Dos significados, dois são indicadores negativos e os outros seis nos esclarecem que, diferentemente da forma como os professores avaliavam, a iniciativa da prática pedagógica inovadora, encontra adesão entre a maioria dos estudantes caracterizando-se como indicador positivo da vivência escolar desses jovens.

Dos 44 jovens com os quais conversamos, 14 disseram-nos que as práticas pedagógicas inovadoras, desenvolvidas por seus professores, mobilizam neles um sentimento de *“perda de tempo”* no qual deveriam estar “estudando”, “tendo aula”. Para esses jovens, a vivência das “aulas diferentes” é prejudicial, pois os afasta ainda mais da aprendizagem dos conteúdos que lhes serão cobrados “pela vida”. Para esses jovens, a definição de aula é “copiar” e “decorar” e expressa uma concepção tradicional de educação.

Durante uma de nossas observações de aula, uma jovem estudante se manifesta e alguns outros concordam quando ela diz que “pensar dá dor de cabeça. Pensar dói. E depois, a gente não entende nada. Por favor, professor Argélia. Explica e a gente copia. Dá questionário e a gente responde. Ah, não!!! Pensar não!” Evidencia-se nessas manifestações a concepção de educação com a qual alguns deles trabalham: transmissão de conhecimento, professor como sujeito que sabe e escola como lugar de não conversar, de não brincar.

Outros 05 jovens disseram-nos que o significado de aula diferente para eles é aquela aula em que eles aprendem, pois, segundo eles, o “normal é não aprender nada mesmo”. Essa concepção atribui à escola a função de ensinar e, para esses jovens, a aula é diferente **quando eles “aprendem alguma coisa”**. Segundo seus depoimentos o “normal”, ou seja, o que têm vivenciado em suas trajetórias

escolares é o insucesso, a não construção do conhecimento, o desprazer de estar na escola. Ouvimos deles que “aula comum é quando eu venho prá escola e não consigo aprender p... nenhuma”, então “aula inovadora deve ser quando eu conseguir aprender alguma coisa daquilo que a professora fala até tossir”. Em seu depoimento a estudante Nigéria nos revela a naturalização desse fenômeno

É claro! Pois se a gente chega e não aprende nada que sirva, é muito ruim. Dá vontade de desistir! Eu mesmo, às vezes, penso muito em desistir, porque vir prá escola e não aprender é muito ruim! No dia que eu aprendo eu fico muito feliz, porque na aula normal eu não aprendo nada, mesmo.

Tal depoimento nos levou a refletir sobre a dívida que nosso modelo social, por meio de suas instituições e de sua organização, tem com nossos jovens. Nos perguntamos, então, qual é a função da escola para esses jovens, se, para eles, ensinar é o “diferente”? Quando aprender passou a ser o “diferente” em suas trajetórias escolares? O que é o diferente para eles: que os professores ensinem ou que eles aprendam? Seja qual for a resposta para a pergunta anterior, como estão suas auto-estimas e como vêm os sujeitos adultos profissionais professores? Percebe-se que estes jovens incorporaram, em certa medida, a lógica que os culpabiliza individualmente pelo insucesso de suas trajetórias escolares.

Pautados em um olhar positivo, isto é, localizando as aulas diferentes como mobilizadores de sua permanência e de seu sucesso na trajetória escolar encontramos seis outros significados atribuídos pelos jovens estudantes que entrevistamos.

Um deles é a possibilidade de que tais práticas colaborem na mudança do olhar por meio do qual a sociedade vê a realidade de estudantes e de professores e a experiência escolar. A partir do que nos disse o estudante Lesoto, por exemplo, “Eu sou um jovem. Eu não sou perigoso. Perigosa é a vida que o sistema me obriga a viver. E olha que ele já estava aqui quando eu nasci”, percebemos que **olhar a realidade de professores e a de jovens estudantes, com outro olhar superando a negatividade**, significa tornar-se mais sensíveis às experiências de vida, às vivências concretas desses sujeitos e, de forma efetiva, na prática cotidiana, trazê-las para a escola.

Outro significado é o de **propulsora de uma relação educativa**, isso é, pautada na lógica que entende que além do estabelecimento de uma construção de conhecimentos é necessário que essa construção se efetive com a prática do

diálogo. Não falamos, portanto, de ensino, mas de educação. Nessa perspectiva, a prática pedagógica inovadora é apontada pela maioria dos jovens com os quais conversamos como uma estratégia que dá sentido à trajetória estudantil. Talvez não haja trabalho, talvez não haja “vida melhor”, talvez não haja geração de renda cultural. Então, alguns jovens entrevistados nos disseram que talvez, a “aula diferente” seja o motivo que faltava para continuar freqüentando a escola e, segundo eles, “quem sabe”, aprender alguma coisa daquelas que são necessárias para que se viva os direitos. Além desses fragmentos, o estudante Burundi, por exemplo, nos disse que participar de aulas inovadoras faz diferença pois “Eu não tô aqui pra ficar rico. Rico eu ficava na "boca". E essa história de empreguinho melhorzinho... Não sei se existe isso não! Eu tô aqui é pra virar gente”. Assim, aprender a falar, a ouvir, a conviver, a dialogar e a construir outras relações também educativas, enfim, seus processos de escolarização passam por novas leituras e possibilidades.

Outro significado remete à **elevação da auto-estima demandada pelos jovens estudantes**. A maioria deles confessou-se com vivências de invisibilização, de inferiorização e de desigualdade social. Nas suas falas, que evidenciam a incorporação do sentimento de inferioridade, de negação da identidade, por parte deles, foi possível detectar a avaliação da possibilidade de reverter este quadro com a prática das "aulas diferentes". Quando a estudante Zâmbia dá o seu depoimento evidencia-se esse significado

A escola podia ensinar a gente a ser modelo, guia turístico de gringo, estilista, secretária que fala duas línguas estrangeiras, sei lá... Doméstica a gente já sabe ser. E pelo menos eu podia ser doméstica só depois de velha, né?! Na aula do Gana, a gente discute muito essas coisas, sabe? Porque que pra gente tem que ser a parte ruim? Eu não sou qualquer coisa! Eu não sabia, mas eu tô descobrindo com ele, com as conversas com os outros alunos como que eu sou importante.

Observamos, ainda, como significado atribuído pelos jovens, na busca da partilha de saberes o **reconhecimento da identidade juvenil destes estudantes**. O depoimento do estudante Sudão, por exemplo, quando se refere ao processo de construção da identidade juvenil pressupõe o movimento do olhar sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o entorno social vivido durante uma aula diferente é bastante esclarecedor

Nó, veio! Eu achava assim que o bicho só pegava assim pro meu lado, viu? O professor Gana fala tanto e faz a gente fazer aqueles grupos e ficar apresentando e falando o que que pensa e tal, né? Ai, tem um monte de gente na sala que tem os mesmos ‘corre’ que eu. Ai, tem um monte de gente nessa turma que, assim, é nós!!!

Então, o jovem estudante é possuidor de uma identidade singular que o caracteriza como um ser único, porém inserido em uma coletividade específica – a saber, a escola – e, portanto, também possuidor de uma identidade coletiva com características comuns. Ele está, então, jovem e estudante. Os jovens entrevistados disseram-nos que um dos elementos que colaboram para tornar a prática pedagógica do professor uma prática de sucesso é a sua busca por conhecer a trajetória deles, para reconhecê-los valorizando-os nas suas práticas, nas suas diferenças, nas suas vivências. Enfim, colaborando na construção de uma aula, de uma escola, de uma comunidade, de uma vida, dignas e de garantia dos direitos.

Outra conclusão possível é a de que o trabalho na “aula diferente” que traz a perspectiva do teatro, da dança, das artes plásticas, dos esportes é visto, em maioria das vezes, pelos jovens estudantes como uma **oportunidade de lazer e de acesso à cultura**. Essa oportunidade caracteriza o direito sobre o qual ele tem pouco acesso ou que lhe é, em geral, negado. Aliada com a promoção do sucesso escolar, tal oportunidade é vista pela maioria dos estudantes como o ressarcimento dos direitos que lhe são cotidianamente subtraídos. Nessa perspectiva, o professor, visto como o sujeito dessa mediação é incorporado por esses jovens ao quadro de seus amigos, de seus “chegados”. A estudante Nigéria nos fala da importância de perceber o outro sujeito da relação como alguém que tem algo a dizer “Tem professor que escuta a gente com o corpo todo não é só com a orelha, não! Conversa com a gente, sabe!!!”. Entretanto, esse laço afetivo não diminui a função que, segundo esses jovens, é do professor: parceiro na partilha de saberes.

Por fim, outro significado encontrado pelos estudantes na prática pedagógica inovadora que vivenciam com alguns professores em sala de aula é que, nesses momentos, vêm a **escola como um lugar no qual se pode ter notícias de outros lugares**. Evidencia-se a dificuldade que vivenciam de conhecer e de acessar serviços que contemplem suas demandas em todas as suas dimensões. Observamos que essas demandas vão desde a sobrevivência, passando pela saúde

física e mental, pelo emprego, pelas novas tecnologias, pelo esporte, pelo lazer, até os bens culturais. O estudante Senegal nos revela que

Foi na aula do Gana que eu aprendi onde tem teatro, cinema, música e dança '0800'. Se ele não trouxesse aqueles papezinhos de propaganda e não desse força prá gente ir... Ele levou a gente lá prá ver o filme da matéria que a gente estava estudando. Toda mão ele traz mais papéis sobre lugares legais e eu já fui quatro vezes nesses lugares. Sério! A gente andou pela cidade quase que toda. Eu vi lugares que eu nem sabia que tinha aqui em Belo Horizonte, Fulana. A gente quase não sai do bairro, né? Passagem de ônibus é muito caro.

O estudo revelou que para esses jovens estudantes, as práticas pedagógicas inovadoras definem, por meio da partilha de idéias, as ações que possam promover seu acesso àquilo que demandam e que, mesmo antes que demandem, apontem a eles a existência dessa possibilidade.

A ponta do iceberg

Nessa pesquisa desvendamos algumas das dimensões que constituem a complexidade da relação entre juventude e escola. Pesquisamos o sujeito em um determinado lugar e nos deparamos com uma complexa rede de concepções de educação, diferentes escolas pedagógicas que marcam diferentes trajetórias profissionais, e interferem no desenho de diferentes trajetórias estudantis. Portanto, a escola torna-se palco de expressões de concepções pedagógicas que se contradizem, dificultando a construção de uma relação que escute o mundo juvenil.

Falamos do sujeito e desvendamos a seriedade das diversas questões vivenciadas pelos jovens estudantes pobres, gerando insatisfações nos diferentes campos. Os jovens estudantes pobres estão insatisfeitos com a maneira como nosso modelo econômico capitalista os trata e com o futuro que esse mesmo modelo desenhou para eles. Estão insatisfeitos com a habitação que lhes foi destinada nas favelas, nas vilas, nas periferias; com as distâncias que precisam percorrer a pé ou pagando caro pelas tarifas de transportes urbanos em condições precárias; com o preço de alimentos, da roupa e do calçado que precisam comprar. Estão insatisfeitos com o preço da entrada do cinema, do teatro, do cd, do livro, da revista, do acesso à internet, do cartão de recarga do celular, da entrada no baile. Estão insatisfeitos com seus cabelos que a mídia diz com frequência que são ruins; com a cor de pele que a sociedade diz com frequência que é a cor da marginalidade. Estão insatisfeitos com suas relações sexuais em que deveriam ter

utilizado preservativo, pois o que, para as gerações anteriores era uma alternativa, para os jovens atuais constitui-se numa obrigação diante da ameaça da AIDS. Outro motivo de insatisfação com suas relações sexuais é que, muitas vezes, essas resultam em gravidez não planejada, em abortos mal feitos, em filhos não desejados. Estão insatisfeitos com seus trabalhos de serviços gerais quando desejariam estar gerando renda cultural ou estar estudando; com o tratamento que recebem da polícia quando são abordados na rua e, por vezes, na escola.

Então, os jovens estudantes estão insatisfeitos com a pobreza, com o desemprego, com a negação do direito ao lazer e à cultura, com a falta de perspectivas a serem apontadas a eles por nossa sociedade; com a inexistência de vagas para todos os interessados na Universidade; com a invisibilidade que adquirem em algumas políticas públicas generalizantes quanto à idade, gênero, etnia e classe social; por não terem seu potencial empregado na proposição de soluções para problemas juvenis e para problemas sociais. Estão insatisfeitos com o olhar negativo que a sociedade, em geral, destina a eles.

Entretanto, os jovens estudantes entrevistados, em sua maioria, demandam, sim, de seus professores o trabalho com práticas pedagógicas inovadoras; querem, sim “aulas diferentes”. Diferenciam o trabalho dos professores que os reconhecem, que os respeitam e que se relacionam com eles considerando diversos componentes de sua identidade. Partilham saberes, pois reconhecem que os têm e constroem conhecimento. Afirmam que estes professores são exceções e que, em maioria, não é essa a prática que experimentam cotidianamente.

Concluimos, pois, que as falas dos jovens estudantes pobres, seus alegados motivos, os sentimentos e as experiências de vida que nos contaram, constroem a adesão que manifestam a uma ou a outra, ou às mesclas de várias das abordagens educacionais. Para alguns, a escola é o lugar da diversão, pois acreditam, em função das vivências escolares anteriores, que o conhecimento não virá. Para outros é o lugar de se calar, pois somente quem cala aprende. Para outros é o lugar de manifestar sua insatisfação com as situações impostas a eles por nosso modelo econômico-social. Para outros o lugar é de namorar. Para outros, a escola é o lugar de construir conhecimentos, por meio da partilha de saberes com os outros sujeitos presentes naquele lugar.

Nessa perspectiva, as insatisfações manifestas no interior da relação juventude e escola – focadas, muitas vezes, na insatisfação com as práticas

pedagógicas vivenciadas, mesmo aquelas consideradas "inovadoras" – são expressões de uma insatisfação mais profunda e, portanto, nem sempre manifesta.

A Didática e a Juventude

A Didática, enquanto um campo de conhecimento em construção, ao tomar as questões pedagógicas como base para a sua produção, traz para si a necessidade do trabalho que reconheça e valorize os movimentos juvenis e que coloca-se questões acerca das possibilidades apontadas para a compreensão do processo educativo escolar, que não se espelhe na falta, na carência, na ausência em relação aos jovens estudantes pobres. O objeto do campo da Didática define-se, pois, como o ato pedagógico em determinada situação. No caso da educação de nossos jovens, este objeto define-se pelo contexto das práticas pedagógicas e educacionais e não pela análise de cada um dos fatores determinantes da juventude, de forma isolada. Em outras palavras, a priorização da juventude, entendida como momento do desenvolvimento humano, desvelando o modo como cada sociedade vê esse momento, isto é, a condição juvenil, a partir dos sujeitos concretos desse momento, os jovens e os diferentes percursos experimentados por eles, isto é, sua situação juvenil como objeto de análise em particular, são de interesse particular da Didática que observa, descreve, analisa, critica e propõe uma determinada intervenção. Assim, trata-se de uma produção de conhecimento - expressão da ação prática dos envolvidos - que indique possibilidades de avanços em relação às vivências originadas da relação onde se manifesta essa prática.

Assim, entendemos que uma didática para trabalhar com a juventude não demanda a criação de uma nova pedagogia ou de uma nova didática, mas sim que se capte dos movimentos juvenis, de seus processos práticos de inserção, de busca de reconhecimento e de construção da visibilidade os elementos necessários para o sucesso da partilha de saberes que envolve os sujeitos da vivência escolar. Assim, uma didática da educação com jovens expressa um processo educacional voltado para a lógica, para a necessidade, para a demanda e para o olhar da juventude. E, para nós, o processo que envolve essa partilha é o objeto da Didática.

Nessa perspectiva, a Didática coloca-se atenta às práticas cotidianas nas quais os jovens e seus professores estão inseridos e, por meio das quais, aliadas às suas intervenções estão se constituindo como seres humanos. Coloca-se atenta às práticas cotidianas dos sujeitos e dos movimentos de juventude dos quais fazem

parte agindo sobre as proposições ou sofrendo os efeitos. Coloca-se também atenta à sistematização teórica a respeito dessas práticas como podemos observar em Candau (1983, 1988), Freitas (1987, 1995), Martins (1989, 1996), Oliveira (1992, 1993), quando estes autores evidenciam a necessidade de que o professor, na prática pedagógica cotidiana, considere as situações vivenciadas pelo estudante como uma problematização, reconhecendo o estudante como sujeito que participa do processo educativo escolar e promovendo a possibilidade de que ambos produzam e sistematizem uma didática específica. Então, conhecer a relação entre jovens e escola e os meandros externos em que ela se constrói, demanda que o jovem e o professor tracem e ocupem espaços e tempos de experimentação, de autonomia, de decisão e uma ação educativa intencional que oriente a elaboração de uma Didática da Juventude.

Referências Bibliográficas

- APPLE, Michael; BEANE, James (Orgs.). *Escolas democráticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. A didática e a formação de educadores - da exaltação à negação: a busca de relevância. In: CANDAU, V. M. (Org.). *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 12 -22.
- _____. (Org.). *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CARBONELL, Jaume. *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- FREITAS, Luís Carlos. *Projeto histórico, ciência pedagógica e “didática”*. Educação e Sociedade, São Paulo, n. 27, p. 122 -140, 1987.
- _____. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas: Papyrus, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 6. ed. São Paulo, Olho d'Água, 1995.
- GATTI, Bernadete A. Pesquisar em educação: considerações sobre alguns pontos-chave. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 6, n. 19, set./dez. 2006.

GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro. A relação educativa na educação de jovens e adultos: suas repercussões no enfrentamento das ressonâncias da condição de exclusão social. 26ª Reunião Anual da ANPED, 2003, Poços de Caldas. *Anais*. Poços de Caldas: ANPED, 2003. p. 1-20.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *Didática teórica/didática prática: para além do confronto*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. *Na "didática prática" uma pedagogia das classes trabalhadoras*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1996. (Tese, Doutorado em Educação).

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. *A reconstrução da didática: elementos teórico-metodológicos*. Campinas: Papyrus, 1992.

_____. Elementos teórico-metodológicos no processo de construção e reconstrução da didática: para uma nova teoria da prática pedagógica escolar. In: Oliveira, M.R.N.S. (Org.). *Didática: ruptura, compromisso e pesquisa*. Campinas: Papyrus, 1993, p. 63 - 78.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? *Caderno Cedes*, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003.